



# VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

## AS PERSPECTIVAS META-HISTÓRICAS DA HISTORIOGRAFIA DE ARTHUR CÉZAR REIS EM A AMAZÔNIA E A COBIÇA INTERNACIONAL

Alexandre Pacheco\*

1

Podemos dizer que o processo histórico para Arthur Reis<sup>1</sup> em *A Amazônia e a Cobiça Internacional*<sup>2</sup> se desenvolve sobre a concepção do campo histórico como um

---

\* Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia e Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista. Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Rondônia. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em História e Estudos Culturais também da Universidade Federal de Rondônia. Este trabalho vincula-se ao projeto de pesquisa intitulado Arthur Reis: história, literatura e poder (década de 1960) desenvolvido junto ao CEI - Centro de Estudos do Imaginário da UNIR.

<sup>1</sup> Arthur Cezar Ferreira Reis, segundo Gaitano Antonaccio, nasceu em Manaus a 8 de janeiro de 1906. cursou Direito em Belém e no Rio de Janeiro nos anos de 1920. No final dessa década, retornou para Manaus e tornou-se redator do periódico dirigido por seu pai Vicente Torres da Silva Reis: o *Jornal do Comércio*. Arthur Cezar Ferreira Reis foi também o primeiro presidente da Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (SPVEA) em 1953, nomeado por Getúlio Vargas. Tornou-se a seguir, diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). De perfil político extremamente conservador, foi em 27 de junho de 1964, nomeado pelo presidente Humberto de Alencar Castelo Branco, governador do Estado do Amazonas. Arthur Cezar Ferreira Reis faleceu em 1993 na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Obra publicada pela primeira vez em 1960 pela Companhia Editora Nacional, mas que ganhou maior projeção e notoriedade com a crítica extremamente elogiosa realizada sobre ela pelo jornalista Barbosa Lima Sobrinho intitulada “O Publicista, o Governador e a Amazônia”, no *Jornal do Brasil* de 23 de maio de 1965. O crítico literário Silviano Santiago considera *A Amazônia e a Cobiça Internacional* como estando entre as dez principais obras que a partir dos anos de 1960 analisaram a experiência brasileira, não só em termos do entendimento de seu processo histórico, mas também em relação à compreensão da [...] “alma de seus viventes.” SANTIAGO, Silviano. *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Arthur Cezar F. Reis (1960): o recorrente olhar de desejo dos estrangeiros. **O Brasil das Letras, Brasília, 2011. Disponível em:**

lugar instável, concepção muito parecida com a que Hayden White percebeu em Thomas Carlyle como “Caos do Ser”<sup>3</sup>, já que para nosso historiador esse campo deve ser visto como um “lugar” em que certos homens, enquanto indivíduos heróicos, estão aptos a enfrentá-lo e dominá-lo, embora sempre devam manter-se vigilantes pois, diante de um campo em constantes disputas e desconfianças, a vitória sempre se constitui como precária.

Há na concepção da história para Arthur Reis então, muito semelhante ao que Hayden White prescreveu para Thomas Carlyle, a representação de um valor superior intrínseco às ações dos indivíduos na medida em que eles estejam dispostos a enfrentar e dar forma ao campo histórico entendido como um verdadeiro “caos do ser” que deveria ser moldado por suas aspirações.<sup>4</sup>

E embora o autor tenha lançado mão de uma visão essencialista<sup>5</sup> sobre os portugueses, luso-brasileiros e brasileiros como os verdadeiros mercedores de grande parte do território amazônico, a partir de uma suposta intenção objetiva da história, essa visão foi possível graças ao fato desses povos terem sido representados como os mais aptos em estabelecer simbiose com o meio e com o elemento humano presente na Amazônia. Tudo isso, obviamente a partir do direcionamento que suas respectivas instituições estatais e religiosas (como foi o caso das ordens missionárias que se estabeleceram na região) realizaram neste sentido. Simbiose que fez com esses povos superassem as adversidades naturais, a cobiça estrangeira e impusessem um processo histórico de defesa da região sobre a concepção de um campo histórico visto como instável.<sup>6</sup>

Evidencie-se que essa abordagem heróica sobre os portugueses, os luso-brasileiros e os brasileiros em superarem o “caos” presente no campo histórico

---

<<http://www.senado.gov.br/senado/ilb/BrasildasLetras/index.html>>. Acesso em: 17 nov. 2011, p. 1.

<sup>3</sup> WHITE. Hayden. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 2008, p. 155-160.

<sup>4</sup> Ibid., p. 160.

<sup>5</sup> O’ GORMAN, Edmund. **A invenção da América**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

<sup>6</sup> Para Hayden White as narrativas dos processos históricos são constituídas a partir do que ele denomina “gramática da análise histórica”. Gramática que organiza as ações das instituições, entidades e agentes que atuam em determinado campo histórico nas narrativas dos historiadores. WHITE, op. cit., p. 180.

amazônico ocorre, por exemplo, em capítulos como “Ingleses, Irlandeses e Holandeses tentam a primeira surtida” e “Os franceses participam da aventura” de *A Amazônia e a Cobiça Internacional*<sup>7</sup>. Capítulos em que Arthur Reis relata o gradativo aumento dos interesses ingleses e batavos e posteriormente dos franceses sobre a Amazônia.

E neste sentido, o autor afirma que os relatos literários surgidos com a expedição de Pedro de Ursua em sua trajetória de penetração da Amazônia através do Peru<sup>8</sup>, serviram menos à ação efetiva de conquista dos espanhóis e mais aos propósitos de invasão dos ingleses e holandeses sobre a região, como se pode notar pelas suas próprias palavras:

Os holandeses e os ingleses é que se lançaram ao negócio, com decisão e impetuosidade. Disputando aos espanhóis o senhorio dos mares das terras americanas, combatendo-os, ademais, por motivos religiosos, aqueles dois povos dirigiram suas visitas, inicialmente, para as Antilhas. Plantaram ali os primeiros estabelecimentos, assentando os primeiros golpes no poderio espanhol e demonstrando-lhe que a concorrência a que se atiravam não se reduzia a uma operação militar, pois valia também como empreendimento mercantil em que se iriam fazer fortes e de que se beneficiariam com os despojos do império espanhol.<sup>9</sup>

Diante do exposto, cabe questionar sobre quem foram, no plano narrativo de Reis, os heróis que apareceram para enfrentar os ingleses e batavos e consolidar o domínio sobre a Amazônia. Considere-se que os espanhóis além de não terem tido cuidado com a divulgação das notícias sobre a região, também não a defenderam da presença de ingleses e holandeses - os quais vindos das Antilhas instalaram-se, a partir do final do século XVI e inícios do século XVII, nas costas venezuelanas e das guianas, mais especificamente entre os rios Orenoco e Oiapoque e, logo em seguida, penetraram o Amazonas.<sup>10</sup> A resposta incide sobre os portugueses e os luso-brasileiros que, mesmo a serviço da Espanha, defenderam o território com esforço e coragem decisivos para

---

<sup>7</sup> REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Suframa, 1982.

<sup>8</sup> Relatos que serviram para a escrita da história dessa expedição (a partir de várias crônicas) que com sucesso atingiu o Oceano Atlântico, em uma viagem em que grande parte de seus integrantes foram mortos, entre eles o próprio Ursua. Episódio em que a liderança da expedição passou a caber a Lopo de Aguirre. *Ibidem*, p. 24.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 24-25.

<sup>10</sup> *Ibidem*, p. 24-25.

destruir, ao longo dos anos de 1616 a 1648, todas as tentativas de penetração e conquista que ingleses e holandeses pretenderam realizar na Amazônia.

Essa reação se fazia em nome de Espanha. Na realidade, contudo, era um esforço do português e do luso-brasileiro. [...] A expansão ao longo do litoral Norte-Oeste fora atribuída aos portugueses e seus descendentes estavam enfrentando o perigo batava-britânico com a maior decisão [...] para impedir a perda da Amazônia e como primeiro esforço para evitar que a cobiça internacional se fosse cevando a região.<sup>11</sup>

Assim, ao ter sido um grande estudioso da história amazônica desde o período colonial, Arthur Reis a partir de sua percepção sobre as fragilidades que tanto portugueses como luso-brasileiros possuíram no tocante à manutenção de suas posições no imenso território - diante do constante assédio dos estrangeiros sobre ele - passou a enxergar o campo histórico amazônico como um “lugar instável”. Ou seja, “lugar instável” para a consolidação das aspirações dos lusitanos, de forma que para ele sempre houve a eminência da perda da Amazônia ao longo, sobretudo dos séculos XVII e XVIII.

Essa concepção do campo histórico amazônico como um “*locus*” instável em *Amazônia e a Cobiça Internacional*, no entanto, nos remeteu a apreensão de outras características meta-históricas na continuação de nossa análise da obra.

Vamos a elas.

### **A “SINTAXE” DO ACONTECIMENTO HISTÓRICO EM A AMAZÔNIA E A COBIÇA INTERNACIONAL**

Vemos dentro daquilo que Hayden White afirmou ser a “sintaxe” do acontecimento histórico<sup>12</sup>, que essa sintaxe nos capítulos analisados na obra de Arthur Reis, por um lado, nos é apresentada através da disposição que esse autor realizou dos acontecimentos relativos à defesa da Amazônia. Disposição que visou concatenar os acontecimentos que objetivamente pudessem provar que o sucesso histórico da defesa da região esteve relacionado ao espírito prático e realista que em contato com os valores

---

<sup>11</sup> Ibid., p. 28-29.

<sup>12</sup> WHITE, op. cit., p. 182.

da terra e da gente amazônica fez com que os portugueses, os luso-brasileiros e os brasileiros soubessem impor a manutenção de suas respectivas hegemonias sobre o território amazônico. Isso, a despeito de suas fragilidades em se manterem nas posições conquistadas. Por outro lado, essa disposição dos acontecimentos não deixou de levar em conta suas interconexões com os acontecimentos que foram guiados pelo sistema de Estados nações em competição pelo que veio a ser o mundo colonial e pós-colonial formado a partir do século XVI. Sistema de competição que sempre desafiou na Amazônia o espírito prático dos povos que efetivamente a dominaram.

Neste sentido, a sintaxe acima discutida pode ser percebida em capítulos como “A navegação no Amazonas”, em que o autor ao relatar o histórico fechamento dos rios da região à navegação internacional, desde o século XVII<sup>13</sup>, descreve os dramáticos episódios que passaram a envolver, de um lado, a manutenção deste fechamento enquanto herança dos portugueses que o Império deveria continuar a impor; e, de outro, o insistente interesse dos ingleses, franceses e principalmente dos norte-americanos na abertura do Amazonas à navegação mundial no transcurso do século XIX.

Assim, a forma como o autor dispõe em “A navegação no Amazonas” os acontecimentos relativos à manutenção do fechamento do grande rio, visaram objetivamente provar que o sucesso dessa empreitada esteve relacionado ao espírito prático e realista com que certos homens do império brasileiro conduziram esse problema. De forma que esse espírito pode ser notado, por um lado, nos atos de fomento à criação de uma companhia de navegação, a do Barão de Mauá; de outro lado, a partir das ações diplomáticas hábeis, ativas e seguras com que homens públicos corajosos como Ponte Ribeiro, Miguel Lisboa, Francisco Inácio de Carvalho, José Antônio Soares de Souza souberam, nessa conjuntura, defender o que demonstrava ser mais conveniente ao Império: a imposição da negação da abertura do Amazonas.<sup>14</sup>

A título de comparação, entretanto, esse modo de organização dos acontecimentos históricos em *A Amazônia e a Cobiça Internacional*, muito se diferenciou, por exemplo, do modo como historiadores como Leopold Von Ranke

<sup>13</sup> A gradativa abertura da navegação da bacia Amazônica se deu através da revogação dos atos proibitivos de navegação sobre o rio Madeira e o rio Tocantins, respectivamente aos anos de 1752 e 1730.

<sup>14</sup> REIS, op. cit., p. 55-78.

apreenderam os acontecimentos do mundo europeu formado a partir do século XVI, segundo Hayden White.

Se para Arthur Reis o domínio de territórios na América por portugueses, lusos- brasileiros e brasileiros sempre deveria ser visto como tendo ocorrido a partir do senso prático comentado acima, mas também a partir da desconfiança que esses povos e seus estados sempre tiveram em relação ao sistema internacional de nações em competição no Ocidente, sistema que para ele concorreria para a desagregação das nações, vemos em Ranke, a “sintaxe do acontecimento histórico” se realizar de outra forma.

Para Ranke, de acordo com Hayden White, os acontecimentos relacionados ao sistema europeu de Estados nações em competição, seriam representativos do princípio da “diversidade-na-unidade” que teria contribuído decisivamente para organizar as sociedades das várias nações que emergiram na Europa a partir do século XVI, de modo que essa “diversidade-na-unidade” “[...] encontrou sua expressão nítida no aparecimento do princípio de *equilíbrio do poder* como corolário da diferenciação nacional.”<sup>15</sup> Ranke julgou ser o equilíbrio do poder produzido pelo sistema europeu de Estados-nações em competição não só um mecanismo de ajuste político espiritual, cultural e religioso de cada país, a partir das relações entre povo, Igreja e Estado, mas também de ajuste desses mesmos aspectos em termos das relações externas entre as várias nações que surgiram a partir do fim da Idade Média.

Já Arthur Reis tentou demonstrar que a reação a esse mesmo sistema de competição na Amazônia surgiu a partir de certas manifestações políticas e culturais engendradas pelos povos portugueses, luso-brasileiros e brasileiros, que acabaram por incrementar a evolução de uma simbiose com o meio e com o elemento humano que os faria dominar com mais propriedade o território amazônico diante da cobiça internacional. Tudo isso, ao mesmo tempo em que para nosso autor as relações entre esses povos que dominaram a Amazônia, seus respectivos estados e as lutas que travaram diante dos demais povos e estados do sistema internacional só poderiam ser vistas a partir do princípio da “desagregação na diversidade”.

---

<sup>15</sup> WHITE, op. cit., p. 182-183. Obviamente que apenas a título de comparação enquanto Ranke julgou ser o princípio do equilíbrio do poder, um gerador da unidade em meio à diversidade, Reis via no princípio da desconfiança a sobrevivência da diversidade.

Essa concepção da sintaxe da análise histórica em *A Amazônia e a Cobiça Internacional*, no entanto, nos remeteu à tentativa de entendimento de como a idéia de nação que Arthur Reis possuiu pôde se constituir como princípio informador de seu sistema de explicação histórica.

## O NACIONALISMO COMO PRINCÍPIO INFORMADOR DO SISTEMA DE EXPLICAÇÃO HISTÓRICA DE ARTHUR REIS

Diante de tudo o que viemos analisando até aqui podemos afirmar que o princípio que informou o sistema de interpretação histórica de nosso autor - em meio à forma como dispôs os acontecimentos no processo histórico de cobiça e de defesa da Amazônia - adveio da concepção presentista de nação<sup>16</sup> que possuiu e que alcançou expressão decisiva nos anos de 1960, em *A Amazônia e a Cobiça Internacional*. Concepção que teve como princípio básico a idéia de que só aos nacionais caberia a organização, a construção e o progresso espiritual e material de nossa Pátria na Amazônia.

Assim, o julgamento das ações de defesa por parte dos portugueses, luso-brasileiros e dos brasileiros a partir do princípio acima discutido<sup>17</sup>, fez com que nosso autor tentasse através da leitura do passado, demonstrar que a superação ou não das dificuldades enfrentadas pela Amazônia nos anos de 1960 (subdesenvolvimento e não integração ao restante do país) se apresentasse como retroprojeção<sup>18</sup> da forma com que certos heróis, em certos episódios históricos dinamizaram “[...] numa mobilização homogênea e bem coordenada [...]” o que seriam os “[...] valores espirituais e morais das energias latentes na terra e no homem [...]”<sup>19</sup> na Amazônia. Representação que teve

<sup>16</sup> Obviamente que essa concepção relacionou-se com o seu “extremado sentimento de nacionalidade”. SOUZA, Lademe Correia de. **Arthur Reis e a História do Amazonas: um começo em grande estilo**. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009, p. 44.

<sup>17</sup> Ações vistas pelo autor como dados para uma investigação histórica objetiva como já havíamos relatado.

<sup>18</sup> CALDAS, Pedro Spinola Pereira, SANT’ANNA, Henrique Modanez. “Fixar a onda de luz”: O problema da transição das épocas históricas no conceito de helenismo em Johann Gustav Droysen. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 01, p. 98, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/27>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

<sup>19</sup> SERÁFICO, José; SERÁFICO, Marcelo. A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, vol. 19, n. 54, p. 105, mai. 2005. Disponível em:

a função de tentar demonstrar como certos acertos e erros deveriam ser considerados pelos patriotas que no presente quisessem se engajar de alguma forma na defesa da Amazônia contra os interesses estrangeiros.

Dessa forma, a “idéia de nação” em Arthur Reis se assemelhou ao que Hayden White prescreveu para Leopold Von Ranke, ou seja, como uma idéia em que os homens ou os povos poderiam ter como princípio fundamental para a própria organização dentro do que entenderiam ser um “progresso pacífico”.

Neste sentido, da mesma forma que a “idéia de nação” em Leopold Von Ranke não se apresentou apenas como um dado histórico, mas um valor, “um princípio em virtude” a que tudo na história poderia ser atribuído um significado positivo ou negativo, vemos esse valor se manifestar de forma semelhante no sistema de interpretação histórica de Arthur.

Vejamos essa crítica realizada no momento do lançamento de seu livro em sua segunda edição: “[...] O nacionalismo de Artur Reis é o autêntico, isto é, o que defende o País e não o que deseja ser arma de luta política. A edição de agora, de livro assim tão importante, vem no momento próprio.”<sup>20</sup>

Mas ocorre uma diferenciação entre Leopold Von Ranke e Arthur Reis. Se em Ranke a “idéia de nação” norteia a capacidade que um povo teria em gradativamente engendrar aspectos políticos, sociais, econômicos, culturais e religiosas que concorreriam para a construção do sentido de uma nação ao longo de séculos, em Arthur Reis essa “idéia” se norteou a partir da demonstração de que o “sentimento de pertencimento a uma nação” por parte de portugueses e brasileiros foi o sentimento que esteve por trás das ações que evitaram a desagregação de suas nações pelo menos em termos territoriais.

---

<[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 23 mai 2011.

<sup>20</sup> O MUNDO amazônico. [1965?]. Disponível na Hemeroteca Arthur Reis. <[http://200.208.241.123/prg\\_012.jsp](http://200.208.241.123/prg_012.jsp)>. Acesso em 23 mai. 2008.



## **A CONCEPÇÃO DO PROCESSO HISTÓRICO POSTO EM ENREDO A PARTIR DE UMA ESTÓRIA HERÓICO-ROMANESCA**

O enredo que procura representar as ações históricas dos portugueses, luso-brasileiros e brasileiros como heroicas em *A Amazônia e a Cobiça Internacional* nos revela, entretanto, uma concepção peculiar do processo histórico por parte de Arthur Reis.

Vimos como Arthur Reis procurou realizar uma análise dos fatos relativos às ações de defesa dos povos acima citados a partir de uma “sintaxe do acontecimento histórico” e de uma “gramática da análise do processo histórico” que os transformou em dados passíveis de serem observados e ao mesmo tempo servirem à constituição de uma investigação histórica objetiva. Investigação que visou comprovar para o público do autor, sobretudo nos anos de 1960, como os homens do passado que estiveram envolvidos na defesa da Amazônia o fizeram com bravura e patriotismo. Configuração do processo histórico de defesa da Amazônia que, como afirmamos acima, teve como “princípio informador” a “idéia de nação” que o autor possuiu.

Essa busca por objetividade revelou, entretanto, a tentativa do historiador em selecionar e dispor os fatos que pudessem ressuscitar o passado de cobiças, ao mesmo tempo em que também deveriam expressar valores proto-nacionalistas ou nacionalistas. No entender do historiador, só dessa forma o presente poderia ser “iluminado” por esse mesmo passado, sobretudo em uma região historicamente esquecida pela Nação brasileira.

A partir disso então, Arthur Reis tentou postar sua narrativa como expressão da similitude do processo histórico de cobiça da Amazônia ao fundir na representação que fez dos portugueses, luso-brasileiros e dos brasileiros as diferenças que internamente definiriam a natureza das posições de classe e de valores entre os indivíduos que constituiriam tais povos.<sup>21</sup> Isso, para que sua narrativa pudesse demonstrá-los como

---

<sup>21</sup> WHITE, op. cit., p. 161-162. Assim, se a representação heroica do povo francês em Michelet, como responsável pela salvação da França diante da opressão do Antigo Regime, diluiu as diferenças que poderiam existir entre homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, dentro de uma operação que Hayden White denomina de dualista, vemos Arthur Reis se utilizar de recurso semelhante, embora dentro do processo histórico amazônico.

possuindo uma unidade heróica diante da opressão e das intenções de dominação de outros povos.

Dessa forma, Arthur Reis utilizou-se de duas categorias para inscrever no instável campo histórico amazônico o conflito acirrado dos indivíduos que lutaram pela sua posse: em primeiro lugar, a dos defensores - que possuíram unidade heróica devido à simbiose que estabeleceram com o meio e com os tipos humanos que haviam tido contato, a partir da adequação ainda que mínima de seus valores espirituais e das necessidades políticas dos seus respectivos estados<sup>22</sup>; em segundo lugar, a dos invasores estrangeiros, povos não merecedores da conquista do imenso território amazônico, por não terem possuído as virtudes necessárias para tamanha empresa.

Ao ter elaborado um enredo heróico para representar a luta dos portugueses e luso-brasileiros contra a cobiça estrangeira, Arthur Reis também diluiu as diferenças que existiram entre nobres, oficiais, soldados, clérigos de várias ordens, sertanistas, colonos, entre outros, já que todos portariam o sentido histórico de defesa dos interesses da monarquia portuguesa diante de sua luta contra os invasores estrangeiros. Sendo que o mesmo ocorreria para a representação que fez da luta empreendida pelos brasileiros que indiferentemente de serem políticos, diplomatas, militares, cientistas, homens do povo, entre outros, tiveram de enfrentar essa mesma cobiça estrangeira em relação ao território amazônico a partir de uma efetiva unidade que demonstraram ter.

Para Arthur Reis todos estiveram de uma forma ou de outra a serviço da integridade da Amazônia.

Assim, pode-se perceber que a narrativa de Arthur Reis então, que procurou expressar-se como similitude do processo histórico de cobiça da Amazônia, também conteria metaforicamente através das duas categorias definidoras dos povos em conflito pela posse da Amazônia a representação da luta entre as “forças da virtude” e as “forças

---

<sup>22</sup> Sendo que a partir dessa simbiose e adequação foram capazes de empreender um processo histórico se não civilizatório, pelo menos de sobrevivência do homem nos trópicos, seja no período colonial, no Império ou República. Tudo isso, a partir de um voluntarismo idealista coletivo guiado por princípios proto-nacionalistas ou nacionalistas provindos da identificação com a terra e que garantiu vantagem em relação às outras nações no tocante à soberania sobre o espaço amazônico.

da usurpação”, dentro de uma perspectiva não dialética<sup>23</sup>, já que essas forças não se excluíam nesse processo histórico.

Dessa forma, Arthur Reis postou os portugueses e brasileiros como representantes das “forças de uma virtude espiritual provinda de uma relação estreita de identificação e amor pela terra” contra os estrangeiros representantes das “forças usurpadoras”, apenas preocupados em explorar as riquezas naturais e os povos amazônicos. Estes, entretanto, apesar de serem constantemente repelidos, nunca foram definitivamente derrotados em suas intenções de realizarem novas investidas sobre o território amazônico.

À guisa de conclusão, podemos dizer que em *A Amazônia e a Cobiça Internacional* temos o sentido de uma história geral da cobiça sobre a Amazônia determinada pela ótica do nacionalismo denunciador de Arthur Reis. Nacionalismo estruturador do sentido por trás de uma gramática e de uma sintaxe do processo histórico que procurou construir as ações passadas enquanto similitude da realidade do campo histórico ao qual pertenceram. Perspectivas meta-históricas que tiveram a função de encadear uma série de fatos relacionados à histórica cobiça sobre a Amazônia, de forma a realizar um arranjo convincente deles em relação às suas intenções em criar uma obra de denúncia contra as intenções dos estrangeiros em relação à Amazônia nos anos de 1960.

11

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CALDAS, Pedro Spinola Pereira, SANT’ANNA, Henrique Modanez. “Fixar a onda de luz”: O problema da transição das épocas históricas no conceito de helenismo em Johann Gustav Droysen. **História da historiografia**, Ouro Preto, n. 01, p. 88-101, ago. 2008. Disponível em: <<http://www.ichs.ufop.br/rhh/index.php/revista/article/view/27>>. Acesso em: 23 mai. 2011.

O’ GORMAN, Edmund. **A invenção da América**. São Paulo: EDUNESP, 1992.

O MUNDO amazônico. [1965?]. Disponível na Hemeroteca Arthur Reis. <[http://200.208.241.123/prg\\_012.jsp](http://200.208.241.123/prg_012.jsp)>. Acesso em 23 mai. 2008.

---

<sup>23</sup> WHITE, op. cit., p. 161-162.

VI Simpósio Nacional de História Cultural  
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar  
Universidade Federal do Piauí - UFPI  
Teresina-PI  
ISBN: 978-85-98711-10-2

REIS, Arthur Cezar Ferreira. **A Amazônia e a cobiça internacional**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/Suframa, 1982.

SANTIAGO, Silvano. A Amazônia e a Cobiça Internacional. Arthur Cezar F. Reis (1960): o **recorrente olhar de desejo dos estrangeiros**. **O Brasil das Letras**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/senado/ilb/BrasilDasLetras/index.html>>. Acesso em: 17 nov. 2011, p. 1.

SERÁFICO, José; SERÁFICO, Marcelo. A Zona Franca de Manaus e o capitalismo no Brasil. **Estudos avançados**, São Paulo, vol. 19, n. 54, p. 99-113, mai. 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000200006&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40142005000200006&script=sci_arttext)>. Acesso em: 23 mai 2011.

SOUZA, Lademe Correia de. **Arthur Reis e a História do Amazonas**: um começo em grande estilo. 2009. 146 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2009.

WHITE. Hayden. **Meta-História**: a imaginação histórica do século XIX. São Paulo: Edusp, 2008, p. 155-160.